



AGROECOLOGIA E EDUCAÇÃO: A FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES NO MST

AGROECOLOGY AND EDUCATION: THE FORMATION OF IDENTITIES IN MST

Jaqueline Cerezoli¹
Eliane Cardoso Lopes²

RESUMO: este artigo pretende desvendar, por meio da linguagem, aspectos ligados à formação das identidades dos alunos de uma escola itinerante vinculada ao mst. A escolha de tal instituição escolar se deu em virtude da abordagem educacional que o mst tem mantido em suas escolas, que consiste em privilegiar temas ligados aos cuidados com o meio ambiente, tais como a agroecologia. A fundamentação teórica se baseia principalmente nos autores discutem as questões relacionadas a construção das identidades, principalmente moita lopes, que traz para a sala de aula a aplicação desses conceitos. Neste artigo foi dado o enfoque nas questões ligadas ao espaço que a agroecologia e os cuidados com o meio ambiente ocupam na formação desses alunos. O que se pôde contemplar no âmbito do trabalho foi como se dão as relações entre os sujeitos do discurso na sala de aula, e de que forma atuam uns sobre os outros na construção de suas identidades.

PALAVRAS-CHAVE: educação, agroecologia, formação de identidades.

ABSTRACT: this issue reports the results of my masters degree research that intended verify the development of the classes in a itinerant school connected with the movimento dos trabalhadores sem terra (mst), placed 30 kilometers from cascavel city. The choice of this scholar institution happened because the educational approach applied for mst in their schools, which consists in privilege themes connected to ecology as the agro environment; beyond that, they have input their attention to the young and child formation as militants of the mst. An this way, this search intend to disclose, through the language, aspects linked to the identity build of the 4th grade of this school and, how the militant formation of this students contribute to the sem-terrinha identity built. The theoretical basis of this work is mainly based on the authors of critical discourse analysis, that discuss issues related to identity construction, especially moita lopes, who brings to the classroom application of such concepts. Thus, what looked under the work would take place especially as the relations between subjects of discourse in the classroom, and how they act on each other in building their identities.

KEYWORDS: education, agroecology, identity formation

¹ aline.pezzialbert@hotmail.com

² jaquelinec@unipar.br



Introdução

As identidades dos homens são construídas por intermédio das relações sociais às quais os sujeitos estão expostos. Ao se relacionarem, no processo de interação, os sujeitos vão se formando e formando os outros seus pares, e esta formação das identidades acontece no discurso. Busca-se verificar, no âmbito deste trabalho, como se dão as relações de poder dentro e fora da sala de aula com o objetivo de compreender de que maneira se constroem as identidades das crianças moradoras de um assentamento vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) e alunos da quarta série de uma Escola Itinerante deste mesmo local. A escola se localiza a 30 km da cidade de Cascavel- PR. Buscou-se verificar que tipos de sujeitos têm sido formados. Para tanto, busca-se discutir no âmbito deste artigo questões ligadas à dois temas que tiveram destaque no corpus estudado, quais sejam: a abordagem educacional adotada pelo Movimento e a perspectiva Agroecológica que tem sido levada para a sala de aula dos alunos sujeitos da pesquisa.

A metodologia empregada na atual pesquisa foi a de cunho etnográfico e fundamenta-se nos trabalhos de Erickson (2001), partindo da premissa de que, mesmo possuindo várias similaridades, surgem diferenças tênues entre uma sala de aula e outra, tanto na maneira como se posicionam e interagem os participantes, quanto nas relações destes com os materiais educacionais. (ERICKSON, 2001, p. 12). Já a metodologia da observação das aulas, conforme especifica Marli André (2004), foi a observação participante, que segundo a autora “parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo afetado por ela” (ANDRE, 2004, p. 26). Realizaram-se também entrevistas com os alunos e uma com o educador.

A Escola Itinerante pesquisada é dirigida pelo Movimento em parceria com o Governo do Estado do Paraná. A educação voltada para o Movimento, nesta escola, acontece principalmente de 1ª à 4ª série, já que são essas turmas as de responsabilidade plena do acampamento. Segundo relato dos educadores pesquisados, a escola funciona como uma extensão de outra localizada em um município próximo ao acampamento, e recebe os recursos do governo como sendo conjunta com esta escola.



Para a produção da presente reflexão busca-se apresentar o papel do discurso como construção de identidades e apontar também de que maneira o poder é exercido por meio do discurso. Essa releitura objetiva criar fundamentação teórica para as análises posteriores, para que, ao verificar as aulas assistidas, seja possível desvendar de que maneira o discurso do MST tem influenciado na construção da identidade Sem-Terrinha.

1 – A FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES SEGUNDO A ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

O conceito de identidade é relativamente novo na história da humanidade. Este debate está em voga devido, principalmente às mudanças que as “velhas identidades” que por tanto tempo eram consideradas estáveis, agora estão em decadência, dando lugar a novas identidades, que tornam o indivíduo moderno fragmentado. Com isso, conforme aponta Stuart Hall (2006) a sociedade moderna apresenta abalos dos “quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2006, p.7). Bauman (2005) considera ainda que a identidade perdeu as âncoras sociais que faziam-na parecer natural, o que caracteriza os indivíduos da atualidade é a eterna busca por um “nós”. As identidades herdadas como raça, gênero, local de nascimento ou classe social agora já não tem tanta importância.

Como assinala Giddens (2002), na modernidade tardia surgem novos mecanismos de auto-identidades que não só são constituídos pelas instituições modernas, mas também as constituem. Aponta que o eu não é uma entidade passiva, mas que os indivíduos agem ativamente na formação das identidades. Nesse sentido, entende-se que a formação das identidades é sim influenciada pelos aspectos externos, e que a comunidade influencia de forma cabal na formação dos indivíduos. No entanto, sempre existirá algo de individual nas escolhas dos sujeitos. Essa abordagem é certamente parte do que pensam os que se denominam socioconstrucionistas, na qual não só o que é inato ao homem determina sua formação, mas o conjunto, do eu (o que é inato) mais a sociedade é o que irá construir, ao longo da vida do sujeito, sua formação identitária.



Toda e qualquer identidade vem acompanhada de significados culturais, e esses, por sua vez se posicionam ou são posicionados de diferentes maneiras no discurso, e, diante do discurso dominante, muitos desses significados são motivos de exclusão. Em determinadas situações, agir como agem os membros do grupo significa pertencer ao grupo, agir contrariamente significaria então excluir-se.

Serviram como base para algumas análises presentes neste texto preceitos da *Análise de Discurso Crítica* discutidos no trabalho de autores como: Norman Fairclough (1992), para quem a abordagem crítica implicaria mostrar conexões e causas que estão ocultas e também, intervir socialmente para produzir mudanças que favoreçam àqueles que possam se encontrar em situações de desvantagem. Também Mikhail Bakhtin (2002) quando afirma que a substância da língua não está no interior dos sistemas linguísticos, “mas no processo social da interação verbal” (BAKHTIN, 2002, p. 123). Essa teoria entende a enunciação como sendo a realidade da linguagem e também como estrutura socioideológica, pois prioriza tanto a atividade da linguagem quanto a relação com os usuários da língua. Segundo a teoria deste autor, portanto, a língua em si só existe na interação, ou seja, no momento da interação entre os falantes que a língua faz sentido.

Diante do pensamento desses autores, o autor brasileiro, Luis Paulo da Moita Lopes (2002) tem elaborado trabalhos importantes que discutem a formação das identidades dos mais variados grupos sociais. Este autor destaca que alteridade e ambiente são questões centrais para a compreensão da construção das identidades sociais, já que o significado é um construto social. Isso relembra a visão bakhtiniana da linguagem, no que concerne à enunciação, em que essa envolve, segundo Bakhtin, pelo menos duas vozes “a voz do eu e a voz do outro, isto é, os pares na interlocução”, ou seja, o sujeito, ao se enunciar, colabora na construção da identidade de seus interlocutores, mas é também, influenciado por eles. Existe aí uma relação de trocas. (MOITA LOPES, 2002, p. 32, 33).

Para Bakhtin (2000) “cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte” (BAKHTIN, 2000, p. 291). Isso não quer dizer que quem ouve determinado discurso irá sempre repetir ou



reproduzir os discursos ouvidos, mas esse, na interação, também irá imprimir suas marcas no discurso.

Moita Lopes (2002), sob uma visão socioconstrucionista, assevera que os sujeitos são constituídos pelos outros a sua volta. Assim, “os que ocupam posições de maior poder nas relações assimétricas são, conseqüentemente, mais aptos a serem os produtores de outros seres, por assim dizer”. (MOITA LOPES, 2002, p. 14). Diante do exposto, pode-se observar que em sala de aula as relações não são simétricas, ou seja, a figura do professor, ou educador, carrega sempre a significação de que esse é “quem manda, quem sabe mais”. Portanto, em sala de aula, os professores são responsáveis, em grande parte, pelo construto das identidades dos alunos. O autor argumenta que as identidades não são propriedades dos indivíduos, mas são construções sociais que se promovem “de acordo com a ordem social dominante” (MOITA LOPES, 2002, p. 35).

No ambiente escolar, tal como em todas as esferas sociais, o poder é exercido em favor da formação das mais variadas identidades, e no caso específico estudado foi perceptível que o MST busca de maneira acentuada formar nas crianças e jovens um forte apelo aos preceitos defendidos pelo Movimento. Uma dessas “bandeiras” levantadas atualmente tem sido a agroecologia, que juntamente com a formação militante tem sido pelo que foi observado nas aulas, o tema mais recorrente.

2 – EDUCAÇÃO NO MST E A PERSPECTIVA AGROECOLÓGICA

A preocupação com os bens não renováveis, com o meio ambiente, com as fontes de água e principalmente nos cuidados com a terra numa perspectiva agroecológica tem sido uma das principais bandeiras levantadas pelo MST na atualidade. Essa abordagem se caracteriza pelo plantio sem qualquer adição de agrotóxicos, pelo cuidado com as sementes crioulas, por ações contrárias à implementação das sementes transgênicas, o cuidado com o lixo, a preocupação com uma alimentação mais natural abandonando o consumo desenfreado de alimentos industrializados e etc. Com esta atitude o MST tem implementado em seus assentamentos e acampamentos um modo de vida mais saudável, em que a agroecologia está em destaque e isso



tem sido divulgado de maneira acentuada, logicamente, no setor educacional, pois as crianças se tornarão adultos já familiarizados com essas questões, e quiçá defensores desta bandeira.

Para Olalde, Almeida e Dias (2003), a preocupação com uma agricultura mais saudável surgiu devido ao grande desequilíbrio que a o plantio desenfreado e a corrida econômica relacionada à produção agrícola causaram. Crises como a da “vaca louca” ou os casos de contaminação e escândalos alimentares chamaram a atenção da opinião pública, principalmente nos países ricos, para a necessidade de se reavaliar de que maneira os alimentos vinham sendo produzidos e quais as consequências da produção descomedida em que insumos agrícolas artificiais e também grãos geneticamente modificados eram produzidos em grande escala em favor do aumento da produção e visando o lucro dos fazendeiros. Assim, segundo os autores, “nos últimos anos está ocorrendo um aumento expressivo do consumo de produtos ecologicamente diferenciados, como os alimentos orgânicos, ou bio, como são chamados na Europa” (OLALDE, ALMEIDA e DIAS, 2003).

Nem sempre a produção agrícola foi baseada na produção em larga escala e na utilização de recursos não naturais. Olalde, Almeida e Dias (2003) destacam que foi somente a partir da revolução industrial que a agricultura passou a ser mais “artificializada”, isso com “a crescente substituição dos arados a tração animal pelas máquinas agrícolas, a cada dia mais especializadas, e a utilização dos fertilizantes de síntese química, agrotóxicos e das sementes melhoradas que possibilitaram, finalmente, a apropriação da agricultura pela indústria” (OLALDE, ALMEIDA e DIAS, 2003, p. 32). Desde então, as grandes propriedades visando os lucros cada vez maiores, passaram a investir naquilo que daria mais e mais ganhos, ignorando a “contaminação dos solos, das águas e dos alimentos, a degradação dos solos, o assoreamento dos rios, a destruição das florestas e da biodiversidade, a resistência de pragas e doenças aos agrotóxicos e problemas ambientais de ordem global, como o efeito estufa” (*Ibidem*, p. 34).

Por conta dos problemas apresentados, surgiu no mundo todo uma preocupação urgente com a preservação ecológica e com modos de produção mais saudáveis, tanto para a saúde humana quanto para o meio ambiente. A produção de alimentos orgânicos é um dos exemplos dessa preocupação. O Brasil, mesmo sendo um dos países que mais tem crescido em termos econômicos nos últimos anos, ainda é considerado em desenvolvimento e o acentuado incentivo



à agricultura industrial ainda ocorre em larga escala por parte do Estado. Uma produção mais natural, sem o uso de químicos e transgênicos só é executada em poucas e pequenas propriedades, tornando seu custo ainda mais elevado. Logo, a grande maioria da população não tem acesso, e continua se alimentando dos produtos da agricultura industrial. Assim, surge a questão: Quem tem acesso a esses produtos, já que a sua produção aumenta os custos e as dificuldades em relação àquela chamada agricultura industrial?

A agroecologia tem povoado o imaginário dos participantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra de maneira que esses, em seus acampamentos e assentamentos, procuram cada vez mais o modo de produção sem agrotóxicos e travam uma luta contra os alimentos transgênicos. Segundo um folder coletado na VII Jornada Agroecológica, o lema atual do MST, em conjunto com a Via Campesina, é “Cuidando da terra, cultivando biodiversidade, colhendo soberania alimentar: em terra livre de transgênicos e sem agrotóxicos. Construindo o projeto popular e soberano para a agricultura”. A agroecologia tem sido abordada em todos os setores do movimento, principalmente na área da educação, em que as crianças aprendem os modos de cultivo naturais e ainda tomam conhecimento dos perigos que os transgênicos e agrotóxicos oferecem para a vida humana.

Segundo Brandão (2005), por intermédio da educação é possível se ter esperanças em relação à preservação dos bens não renováveis, os quais têm sido degradados pela sociedade contemporânea. Para ele, se uma preocupação mais evidente com os maus tratos crescentes “ao que chamamos de casa” não se estender à esfera da educação, as próximas gerações serão destituídas desse bem. A educação ambiental, segundo ele, deve se fundar em relações pedagógicas vividas nas mais diferentes situações educadoras mútuas de ensino-aprendizagem. Assim, para que se realize uma atividade prolongada e fecunda de educação ambiental é indispensável uma “compreensão aprofundada dos complexos processos de interações culturais da experiência pessoal e coletiva de atores sociais envolvidos no manejo direto ou indireto do meio ambiente” (BRANDÃO, 2005, p. 93).

Já Oliveira (2003) assevera que “ao lado das agriculturas alternativas, a Agroecologia (...) é herdeira do mesmo estatuto político-ideológico que deu forma ao movimento da agricultura alternativa e, portanto, se propõe a ir além da transformação técnico-produtiva” (OLIVEIRA,



2003, p.4). Para este autor, as agriculturas alternativas, apregoadas principalmente pelos movimentos sociais, ao se contraporem aos modos de produção convencionais estabelecem “um processo de disputa denso em interesses diversos, no qual os agentes envolvidos buscam construir a sua própria verdade” (*Ibidem*, p.1). Neste sentido, ao denominarem os produtores que não se adaptam a esse modo de cultura de agricultores convencionais, estão não só degradando esses sujeitos, mas estão, de acordo com Oliveira (2003), se auto-afirmando enquanto “não convencionais”. Segundo este autor, “fica evidente, desde já, que o poder das palavras deve ser levado em conta nas lutas sociais” (*Ibidem*, p.2). Dessa forma, o autor argumenta que o fato de ser ecologista, ou de se ter uma produção baseada na agroecologia, faz com que esses agricultores degradem todos os outros tipos de produção. A violência simbólica se caracteriza no momento em que, mesmo aqueles que praticam a produção ecológica, ainda sejam classificados por estarem praticando cem por cento a produção agroecológica ou se ainda mantêm algum tipo de produção convencional. Nesse sentido, os que conseguem atingir o ápice da totalidade e da excelência da produção natural são considerados superiores ou mais bem desenvolvidos dos que ainda não atingiram essa excelência.

Diante disso faz-se necessário avaliar também, mesmo que de maneira breve, do que se trata, afinal, a abordagem pedagógica utilizada pelo Movimento. Para Arenhart (2007), o MST se organizou por meio da necessidade de lutar pela “democratização da terra como estratégia de sobrevivência e manutenção dos trabalhadores rurais sem-terra no campo”. A autora afirma que a consciência coletiva dos sujeitos sem-terra que vai além da luta pela terra, vai se formando no ato de fazer parte do grupo. E nesse processo, conforme aponta, diferente de outros grupos na sociedade, as crianças não estão passivas, não são meros coadjuvantes, mas “estão incluídas no próprio fazer da luta”. Destaca que é perceptível a intencionalidade educativa do Movimento “acionando valores e princípios pedagógicos que conferem identidade aos sujeitos que nele se educam e à educação da infância” (ARENHART, 2007, p. 20).

A educação cumpre papel fundamental no processo de construção identitária, pois acreditando que estudar é uma forma revolucionária de transformação da sociedade moderna, e preocupados com a formação de seus integrantes, o MST criou o setor de educação já nos primeiros anos de sua composição. Ressalta-se, entretanto, que a educação para este Movimento



não se restringe à escola, uma vez que deve estar entrelaçada com a formação política e as práticas produtivas (BEZERRA NETO, 1999).

A educação, juntamente com outras ações do movimento, é uma das bandeiras mais importantes levantadas pelo MST, segundo o que aponta Arenhart (2007), e a conquista da escola se inspira em dois desafios: o primeiro seria o de garantir a educação aos moradores do campo, que enfrentaram historicamente grandes dificuldades de acesso à escola; e um segundo desafio, que é o que a autora chama de “ocupação da escola”, que seria a de inserir a pedagogia do movimento no ambiente escolar. Para a autora (2007), “o MST ocupa a escola para fazer dela um foco irradiador da cultura, da identidade e dos anseios dos trabalhadores da terra” (ARENHART, p. 92, 2007). Dessa forma, buscam a participação efetiva da escola na comunidade.

A autora aponta o modo de produção coletivo como contraposição à ótica individualista sustentada pelo capitalismo. Para a autora “a experiência de viver coletivamente vem sendo um dos desafios mais difíceis para os Sem Terra que assumem essa perspectiva e a levam para a fase posterior ao acampamento, ou seja, a organização de assentamentos coletivos” (ARENHART, p. 67, 2007). Destaca que a dificuldade maior está no embate entre o velho e o novo, ou seja, a velha concepção individualista contra a concepção coletiva. Entende-se, no entanto, que a imposição do modo de vida coletivo é paradoxal ao que vem sendo defendido pelo movimento, ou seja, buscam uma união na luta pela liberdade: a emancipação social. No entanto, ao buscarem sob qualquer custo a implantação de um modelo idealizado, como o do modo de produção coletiva, o MST acaba por se contradizer, ou seja, na busca por uma libertação, impõe, cerceia a liberdade de escolha dos participantes do movimento. Nesse sentido, para Brenneisen (2002):

A imposição de um modelo supostamente ideal de organização da produção, além de poder ser qualificada como violência simbólica contra estas populações, tem causado, nos assentamentos rurais, cisões e sequelas das mais diversas ordens. Esses fatores têm dificultado tanto a reorganização dos grupos, como também têm-se demonstrado limitantes à continuidade do processo de democratização nas relações sociais no campo. (BRENNEISEN, 2002, p. 288)



Assim, voltar o processo educativo para os ideais do Movimento se torna uma estratégia perigosa, pois, no mesmo sentido em que se busca, em um modelo educacional, promover a libertação social, impõem também um modo de vida que se consolida, no imaginário dos alunos, por meio da escola. Aprendem na escola qual é a maneira “correta” de viver e irão reproduzir esses ensinamentos no decorrer de suas vidas. Contudo, é paradoxal implementar um modelo educacional que ao mesmo tempo em que apregoa a libertação e a emancipação social, imponha um modo de vida e exclua da sala de aula alternativas, que não aquelas aceitáveis pelo Movimento, como o modo de produção capitalista, que é visto como sendo o “grande vilão”.

Souza (2002) indica que a grande preocupação do movimento em relação à educação é que essa fuja aos moldes formais, e que os educandos, por meio do que aprendem em sala de aula, tenham acesso à construção do conhecimento, mas que também estejam aptos à “formação dos quadros que possam contribuir na organização social e da produção agrícola dos assentamentos” (SOUZA, 2002, p.162).

O que parece intrigante nessas afirmações é que ao possibilitar o acesso à educação das crianças do campo, que antes enfrentavam grandes dificuldades para frequentarem a escola, estabelecem, no modelo educacional proposto pelo movimento, que os alunos apliquem os conhecimentos adquiridos dentro do próprio movimento, isto é, parece existir uma grande preocupação em oferecer a educação formal aos educandos para que esses, a seu turno, devolvam, não à sociedade em geral, mas ao próprio movimento, o que neles foi investido, com seu trabalho voltado para benefício dos acampamentos e assentamentos. O que torna isso visível é a grande preocupação em formar sujeitos em modelos políticos e ideológicos totalmente voltados aos interesses do MST.

A educação popular disseminada pelo MST deve servir aos interesses da luta de classes empreendida pelo movimento, segundo o que assinala Souza (2002) sugere que a escola deve promover, nos educandos, “autonomias, conforme explícito nos documentos do MST. *No entanto, a autonomia vincula-se aos princípios éticos, ideológicos e políticos do MST*” (SOUZA, 2002, p. 162). Conclui-se, diante destas afirmações que parece contraditório promoverem certa autonomia, desde que essa seja vinculada a ideais já postos. Os alunos aprendem a ser autônomos, desde que seja dentro dos padrões do movimento? Essa contradição aponta que a Educação Popular,



proposta nestes moldes, está sendo vista de maneira distorcida, pois, se não há outros horizontes, a autonomia é inválida.

3 – A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SEM-TERRA

O objetivo principal desta parte do trabalho é analisar, a partir dos elementos coletados na pesquisa de campo e à luz da teoria já apresentada, de que maneira estão sendo construídas as identidades das crianças Sem-Terrinha.

Serão utilizadas as transcrições das aulas que foram gravadas em áudio, as anotações do caderno de campo e também as entrevistas realizadas com o educador e com as crianças. O foco da análise é colocado no processo de construção da identidade em sala de aula a partir de uma visão socioconstrucionista do discurso e da identidade social, voltado aos significados construídos, por educador e educandos em relação à identidade Sem Terra. O recorte no corpus da pesquisa foi feito justamente nos trechos das aulas em que foram discutidos temas ligados aos cuidados com o meio ambiente e a agroecologia.

A legenda para as transcrições é a seguinte:

- E – Educador
- AO – aluno (os alunos não serão identificados nesta transcrição, a não ser por gênero)
- AA – aluna
- AS- alunos – vários falando ao mesmo tempo
- P – pesquisadora
- (...) – frase ou palavra incompreensível

3.1 - A BANDEIRA DA AGROECOLOGIA

A cena a seguir representa dez minutos de aula em que o educador auxilia os alunos com as frases que seriam colocadas nos cartazes. A cena é a seguinte:

- [...]
- E – gente, nós já vamos pensar uma frase [...]
- E – gente, presta atenção um pouco gente, alguém tem uma frase pra colocar no quadro pra nós dar uma trabalhada nela?
- AA – eu tenho uma frase.
- E – sobre sementes [...]
- AA – oh educador! Eu fiz assim oh. [...] é no campo que se planta a cidade!
- E – ta, muito bem! No campo que se planta a cidade, o que tem isso de sentido? O que vocês entenderam disso? [...]



AA – é no campo que se planta a cidade
 E – deixa eu ver! Nós pegamos a cidade e plantamos no campo?
 AS – não, não
 E – a gente planta e vende o que?
 AA – semente
 E – a gente vende a semente na cidade?
 AO – semente crioula.
 E – a gente compra na cidade pra plantar no campo?
 AO – não ..
 E – vamos lá, é no campo que se planta a cidade!
 AA – o campo planta e vende na cidade
 AO – o campo planta e vende no campo.
 E – o campo planta e vende no campo? então ta, mais ou menos nessa linha, só que presta atenção, ó ... é no campo que se planta a cidade, por que? Porque quer dizer que a cidade, ela se mantém, se matem lá fixa na cidade porque tem o campo que fornece o que pra cidade?
 AA – o alimento
 E – o alimento, alguém na cidade vive sem alimento?
 AS – não .. não
 E – Lá na cidade eles produzem alimentos nos lotes lá?
 AA- as coisas, as únicas coisas que eles têm lá é horta, educador.
 E – é uma horta que não é suficiente pra todo mundo, então, é no campo que se planta a cidade, quer dizer que a cidade se mantém porque o campo produz. Pode ser uma frase pra gente .. pra gente pensar não, pra gente fazer o cartaz. Mais uma agora sobre semente, é uma que a gente pode colocar que é bastante conhecida por nós que a gente pode colocar, né E e V? pode ser?

O discurso presente neste fragmento é o de valorização do homem do campo, muito usado na atualidade pelo MST e parece já ter sido internalizado pelos alunos, que reconhecem seu valor enquanto agricultores e percebem a necessidade de produzirem alimentos não só para a exploração econômica, mas porque deles depende a alimentação daqueles que vivem na cidade. A valorização da identidade do homem do campo é indispensável para a construção e manutenção da identidade Sem-Terrinha, já que, para que os alunos queiram continuar morando no campo e principalmente contribuindo com a luta e a conservação do que é proposto pelo MST, primeiro é preciso que se sintam parte desse todo e, principalmente, que sintam orgulho de estarem ali. O que chama atenção nesta abordagem é justamente a valorização do pequeno agricultor, que é quem produz alimentos, ao contrário dos grandes latifundiários que, baseados muitas vezes na monocultura e visando somente o lucro, exportam a sua produção, sem contribuir contudo na produção dos alimentos que chegam à mesa do consumidor brasileiro. Essa valorização do pequeno agricultor combate também o abandono das áreas rurais pelos jovens que, sob esta perspectiva, pretendem permanecer no campo, trabalhando a terra. Vai ao encontro, também, do



discurso urbano de desvalorização daqueles que vivem na roça, que historicamente têm sido considerados como atrasados, matutos e etc.

Tais discussões em sala de aula, voltadas para aquilo que faz parte do cotidiano dos alunos se tornam confirmadores de que a Pedagogia do Movimento aplica na prática o discurso da Educação Popular, que visa, sobretudo, levar para a escola propostas que não só façam sentido e que tenham aplicações práticas na vida dos alunos, como por exemplo, a dos temas geradores, como proporciona que esses sujeitos sejam agentes atuantes no contexto social em que vivem.

No trecho: “E – a gente vende a semente na cidade? AO – semente crioula” em que ao ouvir a palavra “semente” o aluno complementa “semente crioula” pode-se verificar a presença do discurso do MST em relação à agroecologia, que apesar de bem intencionado, parece ser coercitivo neste local. Arelado ao discurso do movimento, aquilo que é falado pelo aluno não só reproduz um discurso dominante como sendo o correto, mas ilustra que, dentro da sala de aula, existe uma tentativa de acostumar os alunos não só sob uma nomenclatura, mas sob um modo de vida, mesmo que, por enquanto, esses ainda não entendam exatamente o que isso quer dizer. Foucault (2008) indica que na ordem do discurso, não é qualquer pessoa que pode dizer qualquer coisa a qualquer um e em qualquer lugar, pois os discursos são regulados e regulamentados pela sociedade, pelo grupo. Então, na sala de aula, o discurso utilizado pelos alunos parecia ser exatamente o que o educador esperava deles. Quando o assunto tratado era agroecologia, os alunos retomavam o que foi anteriormente dito pelo educador. Já nas entrevistas, o mesmo entusiasmo em relação ao tema não foi observado. Nas entrevistas, quando questionados sobre o que eles entendiam sobre a agroecologia, poucos souberam responder o que era, mas repetiam as palavras que são exaustivamente colocadas em sala de aula. Pode-se verificar no trecho da entrevista a seguir:

1)P - Sabe o educador sempre falava na escola sobre semente crioula, o cuidado com a terra e o meio ambiente, você sabe me dizer o que é a agroecologia,?

A1 – ah estuda tudo sobre semen:::te, agrotóxico, semente crioula.

A2 – não

A3 – não

A4 - (silêncio)

A5 – sim. trabalhar a terra sem agrotóxico

A6 – agroecologia é assim, o encontro da agroecologia



A7 – é que nós não podemos plantar com veneno, só planta assim coisa que pode plantar.

As respostas das crianças revelam que nem todas têm ainda internalizado o que vem sendo ensinado a elas em sala de aula, já que somente o aluno 6 respondeu prontamente o que era agroecologia para ele. Isso significa que o processo de assimilação é lento e só se faz com o tempo. A dinâmica da entrevista gravada também pode ser considerada coercitiva, já que as crianças ficavam envergonhadas e podiam não saber o que dizer. Mas é possível afirmar que o discurso em sala de aula vem pouco a pouco se misturando ao discurso dos alunos, já que em alguns momentos utilizam-se também do vocabulário. Aliás, sementes, agrotóxicos, agroecologia, luta, companheirismo, coragem e muitas outras palavras relacionadas ao que é difundido pelo Movimento são parte constante do vocabulário utilizado em sala de aula. Como pode ser verificado no trecho a seguir:

E – olha aqui, a frase sobre semente, acho que vocês devem já ter lido ela em algum lugar, [...] é .. L. leia pra mim a frase no quadro.

AA – (L) as sementes são patrimônio dos povos a serviço da humanidade. [...]

E – as sementes são, gente, presta atenção. [...] a semente é um patrimônio, quer dizer, é um bem dos povos a serviço de quem?

AA – da humanidade

E – da humanidade. As sementes são patrimônio dos povos a serviço da humanidade. E será que isso vai durar muito tempo?

AA – não

E – por que R?

AA – (R) porque daí os ricos tomam

E – os ricos vão tomar as sementes dos pobres? E de que forma que os ricos.. V? de que forma os ricos podem tomar as sementes dos pobres?

AA – (V) comprando

E – comprando? E se eu não quiser vender? Eu sou pobre, mas não quero vender a minha semente pro rico.

AA – mas eles faz lei.

AO – (P) (...) daí você vai lá e vende a semente, depois tem que pagar uma cacetada

E – é? Mas eu to achando que eles nem querem a nossa semente crioula

AO – a não, eles querem pra modificar.

AA – eles querem pra fazer química.

E – eles querem pra fazer base de experimento né, pra depois fazer o que?

AA – semente transgênica.

E – transgênica. E vocês sabiam que a semente transgênica ela é mudada geneticamente né. Quer dizer, dentro da planta tem um espaço que a planta guarda, a semente guarda ali, é ... As informações que q nova planta vai ter. Por exemplo, uma semente de milho, dentro do caroucinho de milho ... [...] o pólen do milho vai cair lá na .. na espiga de milho crioula, o que vai acontecer?

AA – vai ficar transgênico ..

E – e daí nós que não gostamos de transgênico, que sabemos que o transgênico pode fazer mal a saúde daí nós não vamos ter mais sementes crioula, e daí quem que é o dono dos transgênicos?

AA – os fazendeiros



E – e daí nós, que forma que eles toma a semente crioula de nós? Nós vamos ter semente crioula depois que o transgênico deles contamina a nossa semente? nós vamos ter transgênico também, então, as sementes são patrimônio dos povos a serviço da humanidade e estão sendo dominados.

AA – pelos fazendeiros

E – pelas empresas que dominam [...]

Verifica-se por meio desse trecho que os esforços do Movimento são centrados na luta intensiva contra os transgênicos, o que aproxima o MST da simpatia da opinião pública. Promover o boicote à hegemonia genética que se estabelece no mercado agrícola, representado por Monsanto, Bayer, Syngenta e outras multinacionais que estão monopolizando o processo produtivo é o centro da contraposição do MST. O tema foi abordado também na entrevista com o educador:

P – e, uma coisa que eu ouvi que foi bastante recorrente nas aulas foi o assunto dos transgênicos, eu queria saber assim, que você me explicasse bem certo, qual que é realmente o problema dos transgênicos, qual que é o::: como que eu posso dizer. Não o que vocês tem contra, mas o que.

E – o que preocupa...

P – isso, o que é que preocupa sobre os transgênicos?

E – bem, a questão transgênica, bem, são várias preocupações, primeiro é a implantação, a forma como ele é implantado, ele não vem sendo implantado democraticamente, porque se você for fazer uma pesquisa na sociedade, a sociedade não quer transgênico, e a implantação dele, digamos, é forçada ... então, através de medida provisória, através disso, através daquilo, através de leis, eles tão implantando, e a rotulagem do transgênico, que é outra coisa, que é obrigatória, as empresas não fazem a rotulagem. Por que? Se fazer a rotulagem dos transgênicos, obviamente né, a sociedade vai, vai descartar. [...]

O educador, ao declarar: *“porque se você for fazer uma pesquisa na sociedade, a sociedade não quer transgênico”* busca legitimar sua enunciação por meio do discurso do outro. Ou seja, mostra em seu discurso quais seriam as vontades da sociedade. Toma aí o discurso de outrem, em uma citação direta. O educador, bem como o discurso geral do Movimento, procura por meio da resistência à transgenia, também atrair a simpatia da opinião pública. Ou seja, ao declarar que a sociedade em geral também repudia o consumo dos transgênicos, o educador se autodenomina como sendo o porta-voz do povo, justificando, desta forma, os interesses do grupo ao qual pertence. Também na aula analisada o educador assume que a luta contra os transgênicos não é só dos membros do MST, mas que envolve a sociedade em geral, isso pode ser verificado em: “E – da humanidade. As sementes são patrimônio dos povos a serviço da humanidade.”



O posicionamento do educador no discurso, neste caso, revela as relações de poder que são negociadas naquele contexto. Nesse sentido, as imagens criadas na narrativa do educador revelam dois posicionamentos que concorrem entre si. De um lado o MST, juntamente com a opinião pública, que repudiam os transgênicos. De outro, estão os fazendeiros e os representantes dos grandes latifúndios. Se junta a este grupo, na fala do entrevistado, o poder do estado, caracterizado com sendo “eles”: *“então, através de medida provisória, através disso, através daquilo, através de leis, eles tão implantando”*. Novamente o que se observa neste discurso é o reforço a uma identidade por meio da diferença. Em que “nós” representa o lado do “bem” e “eles” representam o lado do “mal”.

A posição de resistência tomado pelo MST pode inclusive ser verificada na entrevista:

P – o problema central então é o problema da imposição?

E – também, da imposição e também da falta de pesquisa sobre o impacto ambiental, que é muito preocupante, tem até empresas, [...] que fizeram essas pesquisas de impacto ambiental, mas não foi divulgado né, então, é:: não se tem ainda hoje uma certeza do que pode acontecer com o transgênico, o que pode acontecer com quem se alimenta do transgênico, o que pode acontecer na ... na ... porque é uma coisa assim bastante preocupante, porque os homens, é:: o ser humano brinca muito com a vida né, ta brincando com a vida, porque é:: essa transformação, a mistura de genes animal com vegetal é uma coisa sabe, absurda, [...]

Tarini (2007) destaca que não só o MST, mas outras organizações não governamentais sustentam que o foco deste problema pode estar relacionado à falta de pesquisas que esclareçam os riscos à saúde humana e ao meio ambiente. Neste íterim destaca a necessidade de mais estudos e de divulgação das pesquisas científicas para os consumidores, aproximando a ciência do público leigo, além da importância de pesquisas que mostrem a opinião dos consumidores sobre os transgênicos, mas sem perguntas tendenciosas como as feitas pelo IBGE, tanto a pedido do Greenpeace, quanto da Monsanto, questões que visavam obtenção quantitativa de resultados para serem mostrados ao público em propagandas. Lacey (2000), em seu artigo *As sementes e o conhecimento que elas incorporam*, põem em destaque as questões que envolvem a discussão agrônômica das sementes transgênicas. Sustenta que no conflito sobre as sementes há dois posicionamentos: um que enfatiza os agroecossistemas sustentáveis, sendo a agroecologia uma alternativa contra a biotecnologia e a favor da justiça social; e outro que enfatiza a primazia de mercado e alega que as sementes transgênicas podem resolver o problema alimentar das



populações mais carentes em países com baixa produtividade agrícola. O autor ressalta, ainda, que ter alimentos para todos não soluciona o problema alimentar no mundo, pois experiências anteriores com a revolução verde foram justificadas pela preocupação com a fome mundial. No entanto, “tenha-se em mente a persistência da fome hoje; e que produzir alimento suficiente para alimentar a todos não significa que todos serão alimentados” (LACEY, 2000, p. 55).

O posicionamento dos participantes do movimento contra uma imposição social, que é o caso da utilização e consumo de alimentos geneticamente modificados, sem o consentimento das populações, revela uma relação de poder e resistência. Brenneisen (2002) sustenta que o MST surge “como um movimento de resistência à histórica dominação imposta ao homem do campo e às próprias concepções políticas que têm sustentado essa dominação” (BRENNEISEN, 2002, p. 221). No entanto, por meio do que foi dito na entrevista e também em sala de aula, percebe-se que o discurso contra a transgenia aparece como sendo o discurso dominante, já que brota também de maneira impositiva. Assim, Brenneisen (2002) complementa que “paradoxalmente essas mesmas relações autoritárias e, em algum grau, clientelísticas, insistem em substituir, reproduzindo-se no interior do próprio movimento, engendrando por sua vez novas resistências”. (Ibidem, 2002, p. 221)

P – e você sabe se todo mundo que está acampado é, digo, tem essa mesma opinião, ou não estão bem esclarecidas ainda, existem alguns que estão esclarecidos e outros não?

E – então, assim, enquanto ... isso é um princípio do Movimento , digamos a gente lutar contra o transgênico, é um princípio do Movimento , mas na verdade já foi conversado bastante sobre isso, sobre a preocupação do transgênico né, então, se alguma pessoa, digamos ainda, não tem a noção exatamente do que é, pode acontecer, mas acho que assim no geral, todo mundo compreende a situação do transgênico e também respeita porque é uma linha do Movimento, o pessoal respeita, de repente, *por mais que não conhece o perigo, mas pelo Movimento ser contra o transgênico o pessoal respeita.*

O que parece ser impositivo neste discurso é que, mesmo que os participantes não tenham conhecimento do que realmente são os transgênicos, por ser uma luta do movimento “o pessoal respeita”. Ou seja, a vigilância é feita pelos próprios sujeitos. O discurso dominante do MST se coloca de tal forma que não é necessária a vigilância. Em se tratando de disciplina, Foucault (1987) acena para a utilização exaustiva do corpo e diz que a ociosidade é um erro moral, uma desonestidade econômica. Todavia, para se disciplinar, o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o molda, enquadra e formata, criando, assim, “corpos dóceis”. No entanto, há de se aceitar que isso não acontece de maneira homogênea, como se o indivíduo não



tivesse autonomia de escolhas. Mas neste caso, a disciplina ocorre não somente por meio da utilização do corpo, mas principalmente por meio do discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo pretendeu analisar de que maneira têm sido formadas as identidades dos alunos de uma escola Itinerante vinculada ao MST e de que maneira temas como a Agroecologia, a valorização do homem do campo e os cuidados com o meio ambiente têm sido formadores dessas identidades. Buscou-se refletir, a luz da teoria, sobre o que tem acontecido neste local e que discursos vêm sendo produzidos neste ambiente.

Chamou muito a atenção nestas análises, principalmente em relação a luta do MST contra a transgenia seriam as questões em torno da injunção dos alimentos geneticamente modificados à sociedade por parte das multinacionais, caracterizado de forma impactante pelo que foi declarado pelo educador em “eles estão brincando com a vida”. Este é um assunto muito importante a ser profundamente discutido, no entanto, não são o foco principal deste trabalho. Contudo, problemas como este são parte de uma gama maior de “fantasmas” que “assombram” o homem na modernidade tardia.

O posicionamento do MST não somente em relação aos transgênicos, mas com a agroecologia em geral pode revelar o construto de uma identidade unificadora, que homogeneíza e diferencia ao mesmo tempo as identidades para fora e para dentro do entorno acampamento. O Movimento atua assim como um sistema de adequação semelhante às instituições disciplinares sugeridas por Foucault. Essa unificação se contrapõe a dinâmica da modernidade. Repudiar as características do mundo globalizado reforça o sentimento de pertença a um tradicionalismo. Seria como se quisessem proteger-se das adversidades da modernidade tardia.

O posicionamento assumido pelo MST em relação à sociedade em geral pode ser considerado por vezes maniqueísta e extremado. Entretanto os ganhos com a abordagem agroecologia são visíveis, já que na conjuntura atual a preservação do meio ambiente e os cuidados com a produção exacerbada de alimentos modificados ou com agrotóxicos torna-se cada vez mais perigosa para a humanidade. E assim como foi declarado pelo educador, algumas pessoas têm “brincado com a vida”, o que pode oferecer perigo a vida das gerações futuras e do



planeta. Além disso, o sistema de produção baseado na agroecologia necessita muito mais de trabalho coletivo ou, pelo menos, trabalho solidário e os agricultores precisam mais do que nunca contar com a ajuda uns dos outros, o que pode garantir que vivam no campo com dignidade.

AGROECOLOGY AND EDUCATION: AN ETHNOGRAPHIC INVESTIGATION ON THE FORMATION OF IDENTITIES IN MST.

ABSTRACT: This issue reports the results of my masters degree research that intended verify the development of the classes in a Itinerant School connected with the Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), placed 30 kilometers from Cascavel city. The choice of this scholar institution happened because the educational approach applied for MST in their schools, which consists in privilege themes connected to ecology as the Agro environment; beyond that, they have input their attention to the young and child formation as militants of the MST. An this way, this search intend to disclose, through the language, aspects linked to the identity build of the 4^a grade of this school and, how the militant formation of this students contribute to the Sem-Terrinha identity built. The theoretical basis of this work is mainly based on the authors of Critical Discourse Analysis, that discuss issues related to identity construction, especially Moita Lopes, who brings to the classroom application of such concepts. Thus, what looked under the work would take place especially as the relations between subjects of discourse in the classroom, and how they act on each other in building their identities.

KEYWORDS: Education, Agroecology, identity formation

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2004.
- ARENHART, Deise. **Infância, Educação e MST: Quando as crianças ocupam a cena**. Chapecó: Argos, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10^a ed. brasileira, São Paulo: Hucitec, 2002
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução, Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.
- BEZERRA NETO, L. **Sem-Terra aprende e ensina: estudo sobre as práticas educativas do Movimento dos trabalhadores rurais**. Campinas: Autores associados, 1999.
- BRANDAO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.



BRENNEISEN, Eliane Cardoso. **Relações de Poder, Dominação e Resistência: o MST e os assentamentos rurais.** Cascavel, Edunioeste, 2002.

ERIKSON, Frederick. Prefácio – IN: COX, Maria Inês Pagliarini / PETERSON, Ana Antonia de Assis (orgs) **Cenas da sala de aula.** Campinas: Mercado de Letras, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and social change.** Cambridge: Polity Press, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão;** trad. Lígia M. Pondé Vassallo. Petrópolis, Vozes, 1987.

_____. **A ordem do discurso.** Aula inaugural do Collège de France. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, ed. Loyola, 2008.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade.** 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Guaracira Lopes Louro – 11 ed – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LACEY, HUGH. **As sementes e o conhecimento que elas incorporam.** *São Paulo Perspec.* [online]. 2000, vol.14, n.3 pp. 53-59.

MOITA LOPES, Luis Paulo da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula.** – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

SOUZA, Maria Antonia de. Assentamentos rurais, cidadania e educação: projetos possibilidades e desafios. IN: VENDRAMINI, Célia Regina (org). **Educação em movimento na luta pela terra.** Florianópolis: NUP/CED, 2002.

TARINI, Ana Maria de Fátima Leme. **As condições de produção dos discursos de identidade: um estudo sobre os jovens militantes do MST.** (dissertação de mestrado) Cascavel, PR: UNIOESTE, 2007.

OLALDE, Alicia Ruiz. ALMEIDA, Dirce Gomes de. DIAS, Bruno de Oliveira. Agricultura Orgânica e Agroecologia: construindo caminhos para o desenvolvimento rural sustentável na Bahia. In: BAIARDI, Amílcar. OLALDE, Alicia Ruiz. SOLEDADE, Paulo Gabriel. **A dimensão cultural, institucional, educacional e a interdisciplinaridade no desenvolvimento local sustentável.** Nacif. – Cruz das Almas, BA: UFBA/Escola de Agronomia/ Programa de Pós Graduação em Ciências Agrárias, 2003.

OLIVEIRA, Bruno. A violência simbólica e ecologia. In: BAIARDI, Amílcar. OLALDE, Alicia Ruiz. SOLEDADE, Paulo Gabriel. **A dimensão cultural, institucional, educacional e a interdisciplinaridade no desenvolvimento local sustentável.** Nacif. – Cruz das Almas, BA: UFBA/Escola de Agronomia/ Programa de Pós Graduação em Ciências Agrárias, 2003.